



A hora da renovação

Produtores que optam por equipamentos usados precisam analisar uma série de fatores para não ficar no prejuízo

Adair Sobczak

A evolução tecnológica tem disponibilizado ao produtor brasileiro o que há de mais moderno em máquinas e implementos agrícolas, equipamentos que estão cada vez mais ao alcance dos agricultores graças às linhas de crédito e que têm elevado o Brasil ao posto das principais nações no ranking mundial da produção agropecuária.

Entretanto, os altos custos de aquisição associados à burocracia, muitas vezes, acabam sendo o limitante entre essa tecnologia e o agricultor. Por causa do preço, muitos produtores acabam optando por má-

quinas usadas, porém, é importante analisar uma série de fatores, para que o barato não acabe se tornando caro.

De acordo com o professor titular da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiros, Esalq/USP, Tomaz Caetano Cannavam Ripoli, o produtor brasileiro enfrenta a concorrência desleal inclusive quando opta por comprar um equipamento agrícola, pois o valor é superior se comparado a outros países.

“Quando se confronta o quanto de produto agrícola é necessário para adquirir determinado equipamento, observa-se que no Brasil a quantidade é maior do que nos Estados Unidos

e países da Europa e próximo do necessário na Argentina. Uma colhedora de cana, por exemplo, custa cerca de 40% a mais que um produto idêntico comprado nos EUA, assim, o agricultor brasileiro já sai em desvantagem”, revela.

Os altos preços dos equipamentos, associados às dificuldades na hora da troca ou aquisição provocadas por renegociação de dívidas, entre outros fatores, estão entre os motivos que justificam a defasagem de grande parte da frota nacional.

Ripoli explica que, quando se trata de equipamentos para grandes culturas (florestas, soja, arroz, café, cana, citrus, milho etc.) pode-se di-

zer que a frota está dentro de padrões aceitáveis.

“Entretanto, deve-se considerar, ainda, outras categorias em cada uma destas culturas, representadas por pequenos e médios produtores, que estão com suas frotas no limite de obsolescência por falta de recursos financeiros”, aponta o professor da Esalq/USP, acrescentando que na produção de outras culturas, como hortícolas, mandioca e batata, em que predominam pequenos e médios produtores, a situação também é crítica.

Embora existam estudos sobre a idade média da frota nacional, Ripoli comenta que os resultados devem ser analisados com certo cuidado, pois em função do tamanho da área agrícola do País e do número de produtores, imagina-se que o trabalho seja efetuado por amostragens e por consultas a fabricantes e seus concessionários.

“Por vezes, o universo amostral pode não ser representativo de uma determinada população”, aponta.

Mesmo com a disponibilidade de várias modalidades de linhas de crédito para aquisição de equipamentos novos, o alto preço acaba induzindo

o produtor a optar por máquinas usadas, prática que, segundo Ripoli, exige cuidados, como, por exemplo, adquirir sempre em origens confiáveis, pois assim como há no mercado de automóveis, existe muita ‘picaretagem’.

“Por exemplo, para mascarar a má condição de um motor ou caixa de câmbio, coloca-se óleos de viscosidade muito acima do recomendado, ou até graxas mais densas na caixa de câmbio para disfarçar eventuais problemas”, alerta o professor.

Dessa forma, segundo ele, se o comprador conhece pouco de mecânica de equipamentos agrícolas, é aconselhável que haja o acompanhamento de quem entende, para que se efetue uma avaliação.

“Os pontos principais a serem analisados são: motor, sistema de embreagem, caixa de câmbio, sistemas hidráulicos, rodados, terminais e vazamentos diversos. Um detalhe importante que mostrará se o equipamento foi bem ou mal cuidado é verificar seus pontos (bicos) de lubrificação”, orienta Ripoli, lembrando de solicitar também a documentação referente à manutenção periódica.

Conceitos - Ao partir para a compra de um equipamento, Ripoli aponta para a importância de o produtor conhecer alguns conceitos básicos sobre o estado e classificação das máquinas. Por exemplo, o equipamento novo é o recém adquirido ou com tempo de trabalho inferior a 800 - 900 horas, conforme indicado no horímetro (no caso de fontes de potência e máquinas autopropelidas).

Equipamento em estado de novo é aquele que já saiu do prazo coberto pela garantia do fabricante e no qual foi efetuada a última revisão gratuita, quando o horímetro deve indicar entre 1800 - 2000 horas de trabalho.

O equipamento é usado quando apresenta mais de 2 mil horas até a primeira abertura do motor (para retificação da árvore de manivelas, troca de anéis e camisas do motor). Equipamento velho é aquele que já passou por substituições de componentes vitais do motor, nas transmissões mecânicas e hidráulicas. É quando as horas do horímetro perdem valor de informação.

Equipamento encostado é aquele que já passou por mais de duas substituições vitais, conforme item anterior, não mais permitindo substituições novas. Por último é considerado sucata, quando servir como fonte supridora de peças de reposição, a fim de manter em operação outros equipamentos de mesmo e superado modelo.

Na opinião do professor da Esalq/USP, para a aquisição de equipamento que se enquadre nos quatro primeiros conceitos (o último tem que se descartar) deve-se fazer uma análise criteriosa – conforme a proposta por L.G. Mialhe, encontrada na bibliografia técnica –, somente assim, os riscos de comprar ‘gato por lebre’ serão minimizados.

“Não tem jeito. Ou o agricultor



brasileiro aprende a utilizar o que o conhecimento científico disponibiliza a ele, ou vai continuar na base da tentativa e erro, com as consequências conhecidas”, aponta Ripoli.

Milton Rego, vice-presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores, Anfavea, comenta que 2010 foi um ano muito bom, um período histórico no mercado de máquinas agrícolas, com recorde no volume de produção, alcançando 67.209 tratores e 6.999 colheitadeiras, que abasteceram a demanda interna e as exportações.

Este cenário permitiu o investimento do produtor rural em tecnologia, principalmente em função das facilidades das linhas de financiamento.

“Foi uma rede de fatores positivos, que uniu o crédito para ao agricultor com uma boa safra, contribuindo para que o mercado de máquinas agrícolas batesse o recorde de 1976. Como na década de 1970 as condições eram outras e as máquinas eram de menor potência, podemos concluir que alcançamos o maior nível da história como HP vendidos”, afirma Rego.

Kraw Penas



Milton Rego, da Anfavea: atualizar o parque de máquinas permite mais ganhos em produtividade

novar na frota de máquinas. O parque brasileiro de colheitadeiras, por exemplo, possui mais de 10 mil máquinas com mais de 20 anos de uso e mais de seis mil com tempo de utilização entre 10 e 20 anos. “Em colheitadeiras antigas, ou muito usadas, é difícil conseguir uma boa regulagem, o que significa perda líquida de grãos. Atualizar o parque de máquinas permitiria ao

agricultor mais ganhos em produtividade, com redução de perdas durante o período da colheita”, revela Rego.

De acordo com a Anfavea, em 2000, com o começo do Moderfrota, a idade média da frota brasileira

agricultor mais ganhos em produtividade, com redução de perdas durante o período da colheita”, revela Rego.

De acordo com a Anfavea, em 2000, com o começo do Moderfrota, a idade média da frota brasileira

FINANCIAMENTO

Produtor deve analisar custos de manutenção e operação

Para os produtores que pretendem investir em equipamentos usados, as duas principais linhas de financiamento são a Recursos Obrigatórios, RO, do Banco Bradesco, e a Pronamp, do Banco do Brasil.

Na linha RO, Alyson Gondaski, supervisor de vendas da Macponta, explica que a taxa de juros é de 6,75% ao ano, um pouco acima da taxa para equipamentos novos, que está em 6,5% (Finame). O valor limite de financiamento para ano/safra é de R\$ 200 mil. Porém, o prazo para pagamento é de apenas três anos, enquanto o prazo para equipamentos novos chega a oito anos.

“Além disso, outro entrave é a idade do equipamento. A linha RO só financia equipamentos com até dois anos de uso. São equipamentos muito novos, com valores altos. Então, a opção pelo novo se torna bem mais vantajosa”, revela o supervisor da Macponta.

Na linha Pronamp, a taxa de juros é de 6,25% ao ano, 0,5% abaixo da taxa Finame e o prazo de pagamento é de até oito anos. Diferente da linha RO, o Pronamp não restringe quanto à idade do equipamento. Porém, estão incluídos produtores com renda bruta máxima de R\$ 500 mil por ano e o limite de financiamento é de R\$ 200 mil por ano/safra.

era mais de 20 anos para tratores e mais de 15 anos para colheitadeiras. Em 2005, essa média tinha apresentado melhoras, mas, de lá para cá, no caso de colheitadeiras, a idade média da frota voltou a aumentar.

Jak Torreta Júnior, diretor de produto AGCO, comenta que, nos últimos anos, os pequenos, médios e grandes produtores têm investido em máquinas e implementos, tendência que deve continuar, com o avanço em investimentos em máquinas com tecnologias cada vez mais modernas, o que consequentemente elevará a produção nacional.

“O mercado aquecido dos últimos dois anos permitiu a renovação da frota brasileira de tratores, colheitadeiras e implementos e o movimento de venda e troca de máquinas usadas no Brasil também seguiu este ritmo”, revela Júnior, apontando que tem se observado uma forte renovação em tratores abaixo de 80 Hp, impulsionado pelo programa Mais Alimentos.

“No entanto, há outras categorias que ainda possuem uma necessidade de atualização, notadamente

os de média e alta potência no Centro-Oeste, que desde 2005 passou por problemas de endividamento e agora inicia um processo de recuperação”, afirma.

Usinas - Na hora da renovação de frota, Júnior explica que há uma diferença muito grande no ponto ideal de troca, que depende da cultura e da aplicação. Na cana-de-açúcar, por exemplo, os tratores chegam a trabalhar até 4 mil horas/ano, e as usinas fazem a substituição do equipamento em média a cada cinco anos.

Na produção de grãos, se trabalha em média 1.200 horas, e a troca se estende, podendo ficar entre oito e 10 anos, prolongando-se nos tratores pequenos em função do número inferior de horas trabalhadas.

“Portanto, o agricultor deve acompanhar de perto o nível de manutenção corretiva (custo de manutenção) e a evolução tecnológica, que ultimamente tem sido muito rápida, fazendo com que as máquinas obtenham ganhos em produtividade, importantes para o custo de produção do agricultor”, observa Júnior.

Mas, se na hora da troca o produtor optar por equipamentos usados, o primeiro passo, segundo Júnior, é verificar os serviços de pós-vendas e suporte técnico, pois é fundamental ter a garantia de que o maquinário passou por uma revisão de uma rede autorizada da fabricante do trator ou da colheitadeira.

“Revisões e serviços realizados no concessionário da marca garantem mão de obra especializada e peças de reposição genuínas, o que atesta maior vida útil do equipamento”, diz ele.

Entretanto, o especialista da AGCO explica que é preciso avaliar se, atualmente, é vantajoso adquirir um maquinário usado, uma vez que o produtor encontra facilidades para adquirir um equipamento novo através de linhas como o PSI e o Mais Alimentos. “Para adquirir um equipamento usado, é preciso avaliar o tipo de atividade e o tipo de aplicação, pois em grandes produções, com extensões de áreas de cultivo, colheitadeiras e tratores encararão longas jornadas de trabalho”, aponta Júnior.

“Assim, se o cliente adquirir uma máquina avaliada em R\$ 350 mil, ele poderá financiar apenas R\$ 200 mil, o restante terá que se pago por ele”, aponta Gondaski.

Flavio Crosa, diretor de vendas da Agrale, explica que o primeiro cuidado que o produtor deve ter ao adquirir o um trator é observar se todas as manutenções foram realizadas nos períodos corretos e se houve algum problema extraordinário.

“Depois, observar o estado do trator, horas de utilização ou tempo de vida e, em que tipo de cultura foi utilizado, pois existem culturas, como a cana, que exigem muito mais da máquina agrícola, fazendo com que o seu desgaste seja maior”, diz Crosa, comentando que, por outro lado, há pequenos produtores que têm tratores entre 10

e 15 anos, mas, com poucas horas de trabalho.

“Cada caso é diferente e a máquina precisa ser bem analisada”, revela.

Ao comprar um trator, geralmente o produtor fica com dúvidas se é mais vantajoso adquirir um equipamento usado ou novo.

“O mais importante, é analisar se o trator proporcionará ganhos de produção que compensem a sua aquisição, pois além do valor da compra haverá os custos de manutenção e operação”, aponta Crosa, revelando que, dados obtidos com os consultores da Agrale e com a Anfavea revelam que, atualmente, a idade média da frota nacional fica entre 15 e 18 anos, dependendo da região e em qual cultura máquina é utilizada.

O ideal é pensar no uso destes equipamentos em longo prazo, analisando o tempo para desempenhar uma tarefa, a eficiência e menos manutenções, que são primordiais para a produtividade no campo. Nesse caso, o trator, a colheitadeira ou pulverizador novo pode ser bem mais vantajoso, além do fato de terem garantia de fábrica definida em meses ou em número de horas trabalhadas.

“Entretanto, se o produtor quiser adquirir máquinas para negociar futuramente ou efetuar novas trocas, a aquisição de um usado pode ser vantajosa”, afirma Júnior. Mas, ele ressalta que o ideal é sempre procurar, independente se novo ou usado, redes de concessionárias que garantam um bom atendimento pós-venda.

“É necessário pensar sempre no retorno do investimento e no custo operacional da máquina, que influencia diretamente o custo de produção do agricultor”, orienta.

Alyson Gondaski, supervisor de vendas da Macponta, concessionária John Deere, em Ponta Grossa, PR, ressalta que o primeiro ponto que o produtor deve estar atento assim que optar por um equipamento usado é a procedência.

“O agricultor precisa observar a idoneidade do vendedor, pois a origem garantirá o produto que o cliente está adquirindo. Por isso, o recomendado é que o cliente procure sempre negociar com empresas e não diretamente com particulares. Assim, ele terá um respaldo maior devido à garantia oferecida pela revenda”, aponta Gondaski.

O próximo passo, segundo Gondaski, é realizar a avaliação da máquina em negociação, observando o estado geral de conservação do equipamento, como pneus, funcionamento das marchas e horas de trabalho – dado a partir do qual ele terá uma

noção do tempo de vida útil do motor.

“Deve-se observar também se o equipamento passou por revisões periódicas em oficinas autorizadas e fazer uma checagem geral na parte elétrica, ligando a máquina e testando seu funcionamento, pois mesmo de forma estática, é possível verificar esses itens”, explica o supervisor da Macponta, comentando que, em tratores, por exemplo, é importante verificar e testar o sistema hidráulico, caixa de câmbio e horas de trabalho, além do aspecto geral da lataria, que valoriza o equipamento.

sim, como a máquina nova tem um valor agregado maior e muitas vezes o produtor não tem condições de contrair essa dívida, a saída é o equipamento usado, cujo valor é menor.

“Além disso, para financiar um equipamento novo é preciso se enquadrar em diversas exigências impostas pelos agentes financeiros, como a hipoteca real da terra e caso o cliente não se encaixe nessas exigências, não consegue o financiamento”, observa Gondaski, explicando que o valor do sinal é outro fator decisivo para definir a compra, pois caso o cliente te-



Alyson Gondaski: o importante é analisar se o trator proporcionará ganhos de produção que compensem a sua aquisição

Rodrigo Czekalski, Pulp Fotografia

Nas colheitadeiras, é preciso observar as horas de máquina e horas de trilha, estado geral de conservação de pneus e peneiras.

“Se o equipamento utilizar sistema de cilindros, deve-se verificar as barras do cilindro e o estado geral da plataforma de corte em itens como: molinete, caixa de navalhas e navalhas”, observa Gondaski.

De acordo como supervisor de vendas da Macponta, na maioria dos casos, o que define a opção por um equipamento novo ou usado é o potencial de endividamento do cliente. As-

nha que dar uma entrada muito alta na compra de equipamentos usados, talvez seja mais vantajoso partir para uma máquina nova.

Com informações como hora trabalhada e hora de trilha, Gondaski comenta que o produtor pode calcular o investimento que deverá fazer para tornar o equipamento 100% pronto para trabalhar. Outro cálculo é comparar o preço do novo, aplicar a depreciação pelo tempo, e levantar o valor que precisará investir na máquina para estar plena para trabalhar.